

PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO CRISTÃO PARA JOVENS BRASILEIROS

Paula Coatti Ferreira¹

RESUMO

O presente artigo busca apresentar alguns procedimentos básicos necessários à prática do Aconselhamento Cristão para o atendimento do jovem brasileiro. Inicialmente dedica-se ao reconhecimento das características principais das gerações chamadas de “nativos digitais” e “Y” que se manifestarão na singularidade da história de vida dos indivíduos. Em seguida trata da importância do conhecimento dessa singularidade onde os conflitos de vontade e de moral são especialmente produzidos sendo a família ainda o principal grupo social de influência para a capacitação maior ou menor na vida no mundo externo. Passa, então, a propor alguns procedimentos básicos necessários à prática do aconselhamento cristão. Encerra-se destacando que tais procedimentos vão permitir que o conselheiro identifique a distorção de alguns conceitos fundantes do cristianismo que atualmente estão aparecendo com certa frequência na expressão de pensamento e vida dos jovens e as considerações finais diante do apresentado.

PALAVRAS-CHAVES: jovens, geração Y; “nativos digitais”; aconselhamento cristão; singularidade; pluralidade; pós-modernidade.

ABSTRACT

This paper seeks to provide some basic procedures necessary to the practice of Christian Counseling for young Brazilians. It starts with the recognition of key features of the generations called “digital native” and “Y” which will occur in the singularity of these individuals’ life story. It then deals with the importance of the knowledge of such singularity where conflicts of will and moral are specially generated being family the main social group of influence for the greater or lesser capacity in life in the outside world. After that, it proposes some basic procedures necessary to the practice of Christian counseling, highlighting that these procedures will allow the counselor to identify the distortion of some founding concepts of Christianity that are currently appearing with significant frequency at the thinking expression and life of the young. At last, the final considerations are presented.

KEYWORDS: young; Y generation; “digital native”; Christian counseling; singularity; plurality; postmodernism.

INTRODUÇÃO

Tratar sobre aconselhamento cristão para juventude na América Latina, sobre jovens no Brasil, implica em questionar-se sobre qual tipo de jovem estamos falando. Há inúmeras diferenças de ordem socioeconômica, de gênero, orientação sexual, de opção religiosa e denominacional, etc., que aliadas ao contexto multicultural do país vão proporcionar uma gama de indivíduos diferentes. A própria comunidade acadêmica, de pesquisadores das ciências humanas, difere até mesmo quanto à identificação de faixa etária que defina o *jovem*².

De um modo geral, de acordo com a tradição científica, da psicologia do desenvolvimento e da personalidade, a adolescência é considerada dos treze aos dezesseis anos, e adiante, inicia-se a fase adulta, sendo a primeira fase a dos *jovens*, até os trinta anos de idade. Mas, como bem trata a pesquisadora e psicanalista, Kehl (2004, p.89-91), na contemporaneidade, *juventude* é um estado de espírito, um perfil de cidadão-consumidor, que pode envolver pessoas de 18 a 40 anos de idade, de qualquer categoria socioeconômica, que adote o padrão adolescente pós-moderno hedonista de uma sociedade pautada pela indústria cultural, que é o de ser aquele que “desfruta de todas as liberdades da vida adulta, mas é poupado de quase todas as responsabilidades” (KEHL, 2004, p.93). Uma *identidade pronta* oferecida para qualquer um, através de inúmeras possibilidades de aquisição de produtos e serviços que pautam *um jeito de ser*, e que por isso mesmo alimenta em boa parte a violência pela exclusão da possibilidade de consumo por muitos.

Contudo, cabe destacar que o consumismo que tomou o mundo principalmente após a Segunda Guerra Mundial também fomentou um olhar mais atento por parte das diversas ciências sobre a categorização psicossocial dos grupos geracionais, embora priorizando o interesse pelos hábitos de consumo e de comunicação. Segundo Jean-Claude Forquin (2003, p. 3) a palavra geração refere-se a “[...] um conjunto de pessoas que nasceram mais ou menos na mesma época e que tem em comum uma experiência histórica idêntica e/ou uma proximidade cultural”.

Assim, apesar da existência de atributos distintos oriundos das diferenças de categorias socioeconômicas, de gênero, de orientação sexual, opção religiosa, etc., os indivíduos que integram cada grupo geracional apresentam aspectos gerais em comum na forma de relacionar-se com o mundo em que vivem. Por isso, é fundamental ter o conhecimento de tais aspectos tanto para compreendermos melhor sobre qual grupo de jovens estamos falando como, também, para realizar a devida distinção entre conflitos por choques geracionais,

conflitos por problemáticas comportamentais propriamente ditas, ou influências das políticas de identidades³ midiáticas manifestas no comportamento de indivíduos de faixas etárias diversas.

Cabe lembrar o aspecto primordial do ser humano, já apontado por Heidegger (2003) e Arendt (2002), e tornado pauta fundamental do estudo da identidade pela psicologia social, que é ‘ser plural’ ao mesmo tempo em que se é ‘singular’. Cada indivíduo é fruto do aprendizado social com outros desde o seu nascimento, e vai (ou deve ir) adquirindo sua singularidade, formando seu *eu* através do que faz e diz. Portanto, compreender o jovem e atendê-lo adequadamente no aconselhamento cristão implica em reconhecer no indivíduo a pluralidade de sua geração e conhecer a singularidade de sua história de vida para melhor colaborar com a promoção de sua autonomia.

Reconhecendo os “Nativos Digitais” e a Geração Y para a prática do Aconselhamento Cristão.

O termo “nativos digitais” foi inicialmente atribuído por Marc Prensky (2001)⁴ à geração nascida na primeira metade da década de 1990 em diante, mais comumente conhecida como Geração Z. Tendo como uma de suas principais características a facilidade com a instrumentalização da tecnologia sem precisar aprender a linguagem digital, como se a mesma fosse parte de seu DNA, essa geração é identificada pela naturalidade com a qual lida com todo o tipo de comunicação multimídia decorrente, de forma praticamente instintiva, como população nativa do ambiente digital. É a geração que consolidou a *internet* como canal de busca de informações e de rede de comunicação principal (seja por computador, celular, *ipods*, *tablets*, etc.), criando até mesmo um “idioma” digital codificado por letras e símbolos.

Difere assim da Geração Y que a antecede, a dos nascidos no final da década de 1980 (entre 1977 e 1980) até a primeira metade da década de 1990⁵. Estes também tem como característica a facilidade de interação com a tecnologia, porém, adquiriram por meio de aprendizado paulatino em função do próprio período de surgimento das tecnologias digitais, que por ela foi tendo seu uso integrado ao dia a dia, promovendo a habilidade da multifuncionalidade. Mas também, segundo Valente (2011, p.23-24), essa geração apresenta a autoconfiança, o foco no sucesso pessoal, à tolerância à diversidade, a preocupação com a preservação ambiental, assim como o consumismo, a impaciência, o imediatismo e diversificados e numerosos tipos de relacionamentos, até mesmo por conta dos primórdios da criação das redes sociais.

Há de se considerar, ainda, a caracterização dessas gerações quanto à pertença de seus pais e as influências recebidas na relação intergeracional. A Geração Y (de 35 a 38 anos) é principalmente filha da Geração *Baby Boomer*, dos nascidos no pós-guerra, entre 1946 a 1964 (de 51 a 69 anos), marcada pela busca de independência individual e financeira, em função das grandes mudanças do período para reconstrução mundial, de expansão econômica e intensas reivindicações sociais. Também é a geração cuja tecnologia integradora foi a da televisão, além de a do cinema. Já a Geração Z (menos de 25 anos), provém principalmente da Geração X, a dos nascidos de 1965 até o final da década de 1970 (de 45 a 50 anos). Estes cresceram em um mundo com padrões em questionamento, principalmente com relação à durabilidade do casamento, à liberdade sexual e à independência feminina, além da vivência de diversas crises políticas (da Guerra Fria e ditaduras à queda do muro de Berlim, etc.) e sociais (lutas raciais, emergência da AIDS, etc.); tendo como tecnologia marcante o vídeo cassete e a emergência dos computadores pessoais, ou seja, a geração que criou e popularizou a *internet*.

Por outro lado, é preciso observar que parte da Geração Y também apresenta pais dentre os primeiros membros da Geração X, e que, a Geração Z, apresenta parte de seus integrantes como filhos de novos casamentos (segundos ou terceiros casamentos) da Geração *Baby Boomer*; sem falar que as quatro gerações permanecem em convivência. Em ambos os casos, tanto a Geração Y como a Z são as gerações que passaram a viver o distanciamento dos pais, em função do envolvimento parental maior com o mercado de trabalho, e a expansão do consumismo e da acentuação do individualismo; as gerações parentais, *Baby Boomer* e X foram ambas marcadas pelos movimentos revolucionários, de direitos civis, políticos e sociais, portanto, acostumadas a um contexto de incentivo à luta, que posteriormente ofereceu um cenário mais próspero e diversificado para o consumo (mas não necessariamente melhor economicamente) e socialmente mais estável aos filhos até o final da década de 1990.

Quanto à realidade brasileira especificamente, em um estudo de *Target Group Index*⁶, realizado pelo IBOPE (2013) de agosto de 2009 a julho de 2010, foi identificado que 41% da população pertencem às gerações Y (23%) e Z (18%), participando predominantemente da classe C (53% da Y e 53% da Z) e AB (34% da Y; 31% da Z). Contudo, seus hábitos e costumes são um pouco diferentes: a geração Y considera diversão sair para beber, ir a restaurantes e *fastfoods* (maior consumo mensal dentre as gerações) e dançar; a geração Z prefere jogar *games*, praticar esportes e ouvir música (38% a mais de consumo de MP3 que as demais gerações).

Sobre o perfil pessoal, a maior parte da geração Y trabalha (68%), está cursando ou terminou o ensino superior (38%), já saiu da casa dos pais (59%) e é chefe de família (31%); em contrapartida, a geração Z é de maioria solteira (96%), estudante (84%), já teve o primeiro trabalho (31%) e odeia fazer qualquer tipo de serviço doméstico (36%). Ambas as gerações são as maiores consumidoras de telefonia celular, computador com acesso à *internet*, videogames e MP3, tendo-os como prioridade de uso no dia a dia, sendo para informação e diversão (incluindo redes sociais). As aspirações diferem em parte: a geração Y é ambiciosa (75% quer cargo alto em cargo alto em carreira), deseja mudança do estilo de vida atual, quer independência (a maior população com desejo de compra de casa própria), e é impulsiva (consome sem pensar muito); a geração Z tem o estudo como prioridade (75% desejam chegar à universidade), quer viajar para o exterior (66%), paga qualquer coisa para ter um equipamento eletrônico que os mantenha conectados à *internet* (31%), e se importa muito com moda e estilo (46%). A geração Z é mais madura, embora mais nova; e a Y, mais ansiosa; ambas se preocupam muito com o tempo que parece estar cada vez mais escasso para fazer tudo que desejam. Influenciam os pais e familiares na decisão de compra de tecnologia, e estão a maior parte do tempo conectadas à *internet* pelo celular (94%) ou computador (58%). Também se preocupam com os recursos naturais e a saúde.

Já com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PND) de 2012, o IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística constatou que a proporção de brasileiros de 25 a 34 anos que ainda vive na casa dos pais aumentou de 20% para 24% nos últimos dez anos (QUAINO, 2013, s/n). A chamada *Geração Canguru* apresenta altas taxas de ocupação, embora um pouco inferiores às observadas para os demais jovens, e tem maior escolaridade média (14% continuam estudando; contra 9% dos que saem da casa dos pais), além de predominarem nas classes sociais de melhor condição econômica (15,3% nas de renda per capita de 2 a 5 salários mínimos; 6,6% das de até meio).

Por outro lado, também se destacou a presença dos *Nem-Nem* (“nem trabalham, nem estudam”) na pesquisa em questão, sendo de 19,6% das pessoas entre 15 a 29 anos de idade e 23,4% se forem considerados os de 18 a 24 anos. A maioria dos *Nem-Nem* é constituída por mulheres (59,6% entre os jovens de 15 a 17 anos; 76,9% entre os de 25 a 29 anos) que já possuem ao menos um filho, não tendo sequer a finalização do ensino fundamental ou apresentando apenas o ensino médio incompleto⁷. IBGE atribuiu o crescimento da quantidade de população *Canguru* e *Nem-Nem* à baixa remuneração dos jovens brasileiros em geral onde, na ocasião, 39,6% tinham rendimento de até um salário mínimo e somente 18,2% tinham rendimento superior a dois salários mínimos.

No mesmo período da pesquisa supracitada, o IBGE (2012) também publicou o Censo Demográfico 2010, onde se pode constatar que 86,8% dos brasileiros se declaram cristãos, sendo 64,6% católicos apostólicos romanos e 22,2% evangélicos, com destaque para a denominação Assembleia de Deus (12 milhões de fiéis na época). Mas, o importante a evidenciar aqui é o fato da idade mediana do total de cristãos ser de 29 anos de idade; 30 anos para os católicos apostólicos romanos; 28 anos para os evangélicos. O nível de instrução predominante é de até o ensino médio incompleto (64,9% dos católicos apostólicos romanos, 54% dos evangélicos de missões e 69,8% dos evangélicos pentecostais); a quantidade de mulheres é um pouco maior que a de homens, e há maior quantidade de domiciliados em centros urbanos.

Na realidade parte dos desejos de consumo tornou-se também a religião no Brasil, especialmente a partir da década de 1980. Diante da crise econômica que proporcionou o crescimento da favelização dos principais centros urbanos do país, onde a chegada da *teologia da prosperidade* através do *neopentecostalismo*⁸ representou uma esperança de vida melhor, e causou uma verdadeira revolução que instituiu o mercado religioso e acirrou a disputa por fiéis entre todas as denominações cristãs. Com isso, também gerou a criação de inúmeros produtos e serviços correlacionados, com destaque para a *música gospel* com forte apelo junto aos adolescentes e jovens, tanto no consumo como na opção pela carreira musical.

Tem que se reconhecer, enfim, que a face e o conteúdo da igreja cristã brasileira são formados pelas gerações Y e Z, pelos jovens, não pertencentes às categorias socioeconômicas mais privilegiadas, vivendo em um contexto em que exatamente o consumo é tão poderoso que modelou a religião e criou uma diversidade ampla de tipos de jovens. Além dos desafios pertinentes às suas próprias gerações em si e à convivência com as demais no mundo pós-moderno multimídia e digital, os jovens cristãos brasileiros vão se deparar cada vez mais com dilemas, dúvidas e dificuldades do aprendizado da fé cristã e das possibilidades de sua real vivência dentro e, principalmente, fora das instituições religiosas.

O aconselhamento cristão deverá ser capaz de promover a autonomia, terá como principal desafio proporcionar o resgate e/ou o fortalecimento da singularidade dos indivíduos, e de prepará-los para resistirem às tendências individualistas, imediatistas, consumistas, hedonistas e oportunistas da pluralidade do contexto mundial. Precisarão dispor-se a conhecer os indivíduos em suas histórias particulares em meio às características geracionais plurais e desenvolver uma jornada conjunta, entre conselheiro e aconselhando, de conhecimento e comunhão de fé, de relacionamento de cuidado.

Conhecendo a singularidade do jovem para a prática do Aconselhamento Cristão.

A condição humana de ser plural e singular manifesta-se sob a forma das constantes negociações e acordos que são feitos entre cada indivíduo e os outros na vida cotidiana. De acordo com Critelli (2013, p. 84-88), o grande dilema, contudo, é quando um indivíduo entra em conflito consigo mesmo, pois discordando de outro, basta afastar-se; mas de si mesmo, torna-se insuportável o conflito. Mais, ainda, a autora acrescenta que os piores conflitos do indivíduo para consigo mesmo são o conflito da Vontade e o conflito Moral. O conflito da Vontade pode basear-se na indefinição acerca do que se quer; na incerteza do querer e não querer coexistentes com relação a algo; e até mesmo na insatisfação do querer em casos de não depender apenas de si mesmo para satisfazê-lo. São conflitos incidentes sobre a ação, correlacionando desejo, arbítrio e a ação propriamente dita.

Já o conflito Moral só se constitui na relação do indivíduo com os outros, integrando pensamento, vontade e julgamento, a partir do desdobramento da consciência em consciência moral pela reflexão da normatividade subjetivada no processo da socialização. Assim, as histórias que se contam sobre si mesmo trazem a formação da autoimagem, que apesar de ser um acordo do indivíduo para consigo mesmo, depende do julgamento da sua consciência moral e da sua aprovação para preservar a integridade e a identidade (CRITELLI, 2013, p.94-95). Ou seja, toda história pessoal só é possível em meio aos outros; a condição da singularidade da autoimagem, da autocompreensão, manifesta na vida pessoal é a pluralidade.

Se essa já é a complexidade natural da vida humana, no contexto contemporâneo certamente os jovens tem desafios a mais a encarar. Tomando-se por base os estudos sobre as etapas de crescimento da maturidade humana, do psicanalista Erik Erikson (1902-1994)⁹, que através de trabalhos em meio aos jovens foi o pioneiro a usar o conceito de identidade (HURDING, 1995, p.108), pode-se afirmar que atualmente os conflitos *difusão de identidade x identidade, intimidade x isolamento*, respectivamente característicos da adolescência e do início da fase adulta, ganham a aparência de estagnação em função do prolongamento do tempo da transição dessas *fases psicossociais* entre si proporcionado pelas ofertas midiáticas que confundem fases da vida com estilos de vida, e aumentam as chances de resolução negativa dos conflitos e conseqüente desajustamento, mesmo que as fases psicossociais anteriores (primeiro ano à puberdade) tenham sido bem sucedidas.

Assim, percebe-se que a confusão de papéis sofrida pelos indivíduos, gerada inicialmente na crise de identidade típica da adolescência, atualmente prolonga-se à fase jovem adulta e dificulta, retarda ou mesmo impossibilita a integração das várias autoimagens. Tal crise de identidade resulta em escolha de um estilo de vida que por vezes não dá sentido à existência propriamente dita (sentido de vida) promovendo apenas o atendimento confuso de desejos de consumo travestidos de sentidos, oferecidos temporariamente e que, exatamente por isso, precisam ser trocados por outros periodicamente, criando a tentativa ilusória do indivíduo que encontra-se como pessoa, na sociedade fugaz dos mesmos.

Somam-se a isso os desafios naturais que caracterizam a fase jovem adulta. Teóricos da família, do ciclo de vida e terapeutas familiares em geral, atribuem a identificação da fase jovem adulta ao período em que os indivíduos com mais de vinte anos de idade, solteiros, deixam a casa da família para constituírem seu próprio lar (CARTER; MCGOLDRICK, 1995, p.170-172). Assim, o estabelecimento de identidade profissional, que proporciona o manejo financeiro; e de relacionamentos íntimos do indivíduo na abertura para o mundo externo estão mais sujeitos a experimentação problemática.

Do ponto de vista do sistema familiar, é o período de adaptação de todos (pais e filhos) da independência física aliada à manutenção da conexão afetiva, a tolerância às identidades profissionais distintas e de práticas diferenciadas das gerações (pais se aposentando; filhos iniciando profissão), a aceitação da variação das relações emocionais e do estilo de vida fora da família, etc. Contudo, a permanência na casa parental que tem se prolongado na realidade brasileira, seja por falta de recursos dos filhos, suficiência de recurso dos pais ou posicionamento religioso cristão¹⁰, logicamente implicará em aumento maior ainda das dificuldades de adaptação de todos à nova fase, e conseqüentemente, do firmamento da identidade dos indivíduos na fase adulto jovem.

Segundo Carter e Mcgoldrick (1995, p.179), a tendência dos sistemas familiares é a de estabelecer tensões através das gerações e de criarem padrões intergeracionais de *emaranhamento*, *rompimento* e *triângulo*. O *emaranhamento* é o *superenvolvimento* emocional, que impede o desenvolvimento afetivo e psicológico do indivíduo promovendo interdependências patológicas e isolando mesmo a família dos demais da comunidade. O *rompimento*, já é o padrão familiar de extremo desligamento e distância, inexistindo envolvimento. O *triângulo* caracteriza subdivisões internas na família, onde dois indivíduos são mais próximos (um filho e um dos pais), isolando o terceiro. Pode ser um filho com a mãe, deixando o pai à margem; um pai com a filha,

deixando a mãe excluída.

Para o jovem adulto, geralmente o *emaranhamento* faz o indivíduo não conseguir o distanciamento necessário para formar sua própria família e manter a família de origem como família estendida, no momento em que é fundamental sua entrada no mundo externo com novos relacionamentos íntimos. O *rompimento* afasta o jovem prematura e arbitrariamente dos recursos da família nuclear e ampliada que ajudam a desenvolver a identidade e apoiam os novos empreendimentos. E o *triângulo*, impede que o jovem veja os demais membros da família, os excluídos como realmente são, acarretando em expectativas irreais e inadequadas também para os parceiros nos relacionamentos novos.

Ainda parece adequada a formulação de Freud quanto ao referencial de um adulto normal ser o daquele que sabe trabalhar e amar, pois para o adolescente entrar na fase adulta, tornar-se um jovem adulto, é necessário superar muitos desafios (STRECK e SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1996, p.65), promovendo a reavaliação da vontade e da consciência moral, onde o principal grupo de socialização e preparo para o mundo externo permanece sendo a família. Muitas vezes as dificuldades vivenciadas irão resultar em atalhos mais problemáticos ainda para a vivência da fase adulta, como por exemplo, casar para sair da casa dos pais, uma gravidez precoce, o abandono da religião, etc.; ou a fuga através do desenvolvimento da dependência química de álcool e/ou drogas.

Collins (2004, p. 217-222) engloba habilmente os principais desafios, que os indivíduos enfrentam para o início da fase adulta, em quatro grandes categorias que se entende envolver de forma integral a vida do indivíduo jovem e por isso são extremamente relevantes para a reflexão da prática do aconselhamento cristão. São elas, as categorias dos desafios de *competência*, de *independência*, de *intimidade* e de *direção*. Quanto à categoria *competência*, consideram-se as habilidades físicas (cuidados com o corpo: alimentação, descanso, etc.), intelectuais e técnicas de solução de problemas (pensar e se comunicar com eficácia; adaptar-se às mudanças), de gerenciamento pessoal (manuseio de tempo e dinheiro, autocontrole, percepção de oportunidades, etc.), habilidades interpessoais (convivência saudável no agir e reagir, e comunicar adequados), habilidades emocionais (sensibilidade no aceitar e expressar emoções de si e dos outros) e espirituais (busca do autoconhecimento e percepção e reavaliação do sentido da vida).

A categoria dos desafios de *independência* refere-se fundamentalmente ao desenvolvimento da autonomia, que implica no desenvolvimento da autossuficiência (equilíbrio entre autodeterminação e a sensibilidade às necessidades dos outros; autoconhecimento e dependência de Deus), na construção da identidade (busca constante de quem se é ou se está sendo, percepção do que nos motiva, etc.), na formação de valores (avaliação e reavaliação daquilo que orienta o nosso comportamento e crenças e pautam o nosso agir), na realização de tarefas com eficiência (superação de limites e desafios, melhoria, etc.).

A categoria dos desafios de *intimidade* implica no desenvolvimento da interdependência correta e saudável com as pessoas com os quais o indivíduo se relaciona; equilibra a autossuficiência com necessidades e vulnerabilidades admitidas na intimidade; nem sempre envolve sexo (amizade, por exemplo), mas confiança, fidelidade, tolerância e respeito mútuos. Por fim, a categoria dos desafios de *direção* refere-se às necessidades de se estabelecer metas e planos de vida, busca de realização de “sonhos”, de tudo que permite responder para onde se está indo ou quer ir.

Dessa forma, o aconselhamento cristão não poderá limitar-se à resolução dos problemas emergentes pensando-os como pontuais, nem tão pouco como relativos a áreas específicas da vida do jovem. Será necessário desenvolver um processo que perceba a ótica da singularidade da história pessoal apresentada, perpassada pela pluralidade social e geracional, que manifesta uma construção humana que, exatamente pela fase em questão deve ser reavaliada e redirecionada para proporcionar o máximo possível de desenvolvimento mais saudável, integral (do indivíduo consigo mesmo) e integrado (do indivíduo com os outros), das próximas etapas de vida e melhoria do momento vigente. Cabe, então, propor alguns procedimentos básicos necessários à prática do aconselhamento cristão para o jovem brasileiro.

Procedimentos básicos para a prática do Aconselhamento Cristão no atendimento do jovem brasileiro.

A atuação prática no aconselhamento cristão, tanto no atendimento quanto na docência interdenominacionais, tem mostrado que, a realidade interna das instituições religiosas é a de se encontrar nominado comumente de *ministério de jovens* um grupo com pessoas de quinze a trinta e cinco anos de idade, lideradas por outro jovem também dentro dessa faixa etária. Contudo, engana-se quem pensa ser o único denominador comum entre elas a pertença ao estado civil de *solteiro* ou que a identificação etária é uma mera circunscrição.

De um modo geral, esses *jovens* se identificam, também, por não terem ainda uma profissão definida (mesmo que tenham um emprego)¹¹ e canalizarem a frustração para busca de atividades na igreja; por morarem na casa dos pais até mesmo por exigência parental de religiosidade, independentemente da condição financeira; por terem dificuldades de estabelecer um relacionamento afetivo duradouro, ou se o tem, que o mesmo progrida para o matrimônio de forma saudável (consciente e madura); por ocultarem a dificuldade de lidar com sua sexualidade; por respeitarem as orientações religiosas da instituição, mas apegarem-se às mesmas mais de acordo com os relacionamentos estabelecidos de amizade e atividades oferecidas do que com os fundamentos da fé e da proposta denominacional propriamente ditas.

Por outro lado, os *ministérios de jovens* são normalmente liderados por pessoas de capacitação insuficiente para a orientação de vida cristã através do aconselhamento e ainda vivendo a própria fase de juventude, sem muitas vezes terem o suporte de outros líderes mais velhos, mais formados e informados e experientes. Felizmente a busca por mais conhecimento, para melhor atuar, tem crescido e cursos livres ou de pós-graduação tem sido oferecidos para atender à demanda. Conhecimentos integrados sobre psicologia, sociologia, história, antropologia e teologia, dentre outros, são fundamentais para a atuação do conselheiro cristão e por isso, cabe partilhar alguns procedimentos básicos de ordem prática, integradas ao conhecimento das teorias de aconselhamento cristão, para proporcionar atendimentos bem sucedidos:

a) *Compreender o ser humano enquanto um complexo bio-psico-socioespiritual* é o primeiro passo para o desenvolvimento do aconselhamento cristão uma vez que reconhecer o jovem de forma integral e integrada, em sua relação interpessoal com os diversos grupos sociais dos quais participa, e com Deus, ajudará a tratar qualquer problema como não pertencente a uma dimensão em especial – corpo, mente/alma e espírito - mas à pessoa humana em toda a sua complexidade¹². Assim, por exemplo, torna-se fundamental entender que a questão do sobrepeso de um jovem não se limita a fazê-lo compreender a importância de sua saúde corporal apenas, mas é denunciante da possibilidade de um estado emocional que está levando o indivíduo a canalizar sua ansiedade ou sua insegurança (desvalia), ou mesmo um trauma qualquer a ser investigado, para o comportamento alimentar de manifestação da compulsão em maior ou menor grau; o que também implicará em maior ou menor dificuldade para resolver a situação conforme a maturidade espiritual¹³, para poder vencer os desafios envolvidos e o alcance do equilíbrio necessário nas relações consigo mesmo e com as demais pessoas. Outras questões relacionadas à sexualidade, a adoecimentos diversos, etc., também devem ser investigadas tendo em vista à integralidade

humana associada ao pensamento analítico-crítico.

b) Saber estimular o pensamento analítico-crítico, sobre os fatos que se está vivendo para que o jovem não se apegue às respostas prontas oferecidas por outros, ou pela mídia, e perceba que é capaz de tomar decisões e planejar a realização das mesmas. O jovem precisa perder o medo e o comodismo, que muitas vezes estão instalados na prática de vida excessiva no universo digital que o distancia da realidade das interações pessoais, e entender que toda e qualquer decisão implica em perdas e ganhos, e em consequências. Ter responsabilidade para decidir e assumir as consequências do que se decide é maturidade. O conselheiro pode, de maneira simples, desafiar o jovem a responder o que ele mesmo pergunta sobre o que e como está vivendo conduzindo-o em uma jornada de construção de perguntas e de avaliação de prós e contras de cada situação, opções identificadas e pensamentos expressos bem como a percepção das emoções que os acompanham. Assim, escolher um curso superior deve envolver perguntas sobre o que chama a atenção do jovem para as opções que imagina e o por quê, o conhecimento de suas aptidões e potenciais, o que se espera realizar e conquistar com o curso, qual tipo de vida se quer ter, que desejos e emoções estão associados às escolhas, quais as possibilidades e os impedimentos para a conquista do curso, o que o aproxima ou distancia da proposta de vida e da ética cristã, etc. O mesmo pode-se pensar para a escolha de um relacionamento com intenção de matrimônio, uma mudança de emprego, a mudança para outro país, etc.

c) Orientar à busca do autoconhecimento para a jornada de santificação, como a proposta de renovação da mente que o apóstolo Paulo recomenda (Rm 12.1-2), ensinando o jovem a prestar atenção em suas atitudes e ao que de fato as motiva. A oração meditativa ensinada por Jesus (Mt 6.5-8; Lc 11.9-13) como tempo de intimidade com Deus proporciona o relaxamento físico, mental e metabólico, diminuindo a ansiedade e favorecendo o sistema nervoso e imunológico, como inúmeras pesquisas científicas comprovam¹⁴. A paz proporcionada permite que a mente concentre-se mais precisamente em seus pensamentos e nas percepções tanto corporais como emocionais. Ao contrário do que muitos pensam, as práticas orientais de meditação não se limitam ao esvaziar a mente e por vezes há a recomendação de preenchê-la com pensamentos saudáveis, o que para o cristão pode ser entendido como o estabelecimento do diálogo com Deus, o abrir do coração para a confissão de dúvidas, de emoções, de desejos, anseios e necessidades, investigando o que se sente e admitindo para si mesmo também as reais intenções por detrás dos atos e vontades. Possibilitará apurar a compreensão sobre a própria integralidade (corpo, mente, espírito) e apurar o pensamento-crítico participante com Deus.

d) *Colaborar com a organização da rotina diária*, possibilitando o melhor aproveitamento do tempo e gerando equilíbrio e qualidade de vida, que pode ser efetivado através da montagem de uma simples planilha constituída de colunas representando os dias da semana (da segunda-feira ao domingo), e de linhas, definindo cada hora do dia. É fundamental para a vida no mundo pós-moderno pensar sobre o que fazer e quando, não só para o uso rentável do tempo mas para disciplinar os desejos em prol das necessidades, não somente para os jovens, mas fundamentalmente para eles, pois são mais dados à realização de inúmeras atividades pela própria etapa de vida em si. A visualização da planilha permite que o indivíduo perceba também se está se dedicando excessivamente a uma área da vida em detrimento das demais e, assim, pode reestruturar suas atividades e buscar o equilíbrio. A sugestão é a de atribuir uma mesma cor de fundo para as atividades pertencentes a uma mesma área da vida (saúde; educação; trabalho; família; amigos; lazer; igreja; etc.), o que deve deixar a planilha bem colorida. Outra recomendação é a de montagem de uma planilha financeira, organizada de forma a apresentar as receitas e despesas, permitir os lançamentos dos dados periodicamente, ao longo do mês, de forma a ajudar à contenção de gastos desnecessários e, também, ajudar na identificação de predominância de gastos ou de contenção indevida de recursos em alguma área específica para ser reavaliado e pensado nos motivos que levam a tal situação. Nesse processo todo cabe ao conselheiro ajudar o jovem a pensar sobre sua escala de prioridades e estilo de vida e a compatibilidade maior ou menor com a proposta de vida cristão, para ajustar-se o melhor possível à fé que professa.

Os quatro procedimentos básicos acima apresentados também vão permitir que o conselheiro identifique a distorção de alguns conceitos fundantes do cristianismo, pelo próprio tratar de cada situação apresentada, que atualmente estão aparecendo com certa frequência na expressão de pensamento e vida dos aconselhados. Isso se deve ao estudo e ao ensino indevido da Bíblia que impede de se compreender a ética divina que permeia todos os livros bíblicos e que deve ser compreendida pelo conhecimento completo e a devida reflexão analítica e não através do recorte de versículos isolados.

Dentre os conceitos mais comumente mal compreendidos têm-se os de pecado, santificação, conversão, perdão, arrependimento, julgamento e discernimento. Sem a pretensão de expor aqui um tratado teológico sobre os mesmos, mas com a de alertar acerca de distorções que aparecem em várias situações, o conselheiro deve ajudar o jovem a viver o conhecimento bíblico, a transformá-lo em vida abundante nas atitudes do dia a dia, como é a proposta do evangelho. Portanto, o pecado precisa ser compreendido não de forma moralista, reducionista, mas como tudo que pode causar de enfermidades

físicas até psíquicas e aprisionar os indivíduos a preconceitos e julgamentos; como tudo que bloqueia o fluir dos potenciais, o desenvolvimento da humanização. Dessa forma, é pecado matar, mas também, ser preguiçoso ou autoritário e egoísta, ou rancoroso; pois as orientações divinas vão muito além dos *dez mandamentos* e requerem mesmo um olhar mais atento ao que é corriqueiro e sutil no dia a dia.

Outra questão é quanto ao entendimento da conversão, como estar na igreja, ser crente e participar de inúmeras atividades, o que provoca o descuido quanto ao atentar-se às atitudes e suas motivações reais, pois afinal a árvore se reconhece pelo fruto e não pela frondosa folhagem e ativismo não é necessariamente servir a Deus nem tão pouco sinal de santificação. Converter-se, então é mudar a forma de pensar e agir, o que proporciona a santificação, surgindo frutos do Espírito; é andar em intimidade com Deus, adotando os valores do Reino, a ética cristã, principalmente quando somos mais desafiados no dia a dia, fora da igreja em meio às outras pessoas não cristãs, com valores distintos.

O perdão também tem sido ensinado e exigido como algo puramente racionalizado e executado tal qual um comando nas teclas do computador, que o libera. Perdão envolve emoções, que precisam ser percebidas, aceitas e trabalhadas para superação, que se processam em tempo e formas diferentes para cada indivíduo. Também não implica na obrigatoriedade de ter simpatia e amizade com os outros, mas sim, misericórdia para com os limites e erros dos outros e a abstenção do desejo de vingança ou de algum mal para a vida alheia. Outro aspecto é o da mudança de atitude que o arrependimento sincero daquele que errou requer para não se repetirem os erros.

Deve-se perdoar sempre para dar chance ao outro, uma vez que também somos imperfeitos; mas que o outro se empenhe em mudar de atitude. Perdão envolve então a humildade de não se achar superior ao outro e menos errante; o entendimento de que a mágoa e o rancor podem adoecer o corpo além da mente, e de que não deixam de ser pecado também. O arrependimento, por outro lado, não é verdadeiro se não houver a mudança de atitude ou ao menos a tentativa legítima de mudar.

A distinção entre julgamento e discernimento também é necessária. Cabe ao cristão ter senso crítico para avaliar as situações e desenvolver o pensamento da justiça divina, que sempre vem acompanhado da misericórdia; mas que isso não seja confundido com abster-se de posicionamento e opinião, de ser omissivo diante do que não é certo, nem de subjugar-se às pessoas

tirânicas ou manipuladoras por medo de ser rebelde, especialmente no caso do jovem com lideranças ministeriais e de pais. Ser cristão não é alimentar o pecado alheio. Há líderes injustos e tirânicos que devem ser impedidos de agir pela vigilância da comunidade, como qualquer outro cristão, assim como há pais opressores e manipuladores que devem ser alertados sobre seus pecados, pois a Bíblia também alerta sobre não irritar/oprimir os filhos e não somente sobre honrar pai e mãe. Respeitar um líder ou os pais não pode implicar em alimentar seus erros. Eles não são pessoas acima do bem e do mal, intocáveis. Mas, há formas devidas de se agir para tal, com mansidão, sabedoria e em comunidade.

Portanto, cabe ao conselheiro cristão, também ajudar o jovem que estiver sendo oprimido, a fortalecer-se mediante o desenvolvimento de recursos internos para lidar com pessoas abusivas e a encontrar soluções possíveis, seja buscando auxílio junto a outros membros da igreja, imbuídos de autoridade e poder de decisão, seja pensando em mudanças de local e condição de relação, além de, é claro, buscar o socorro divino no exercício da fé e da oração.

Assim, o aconselhamento cristão para o jovem exigirá do conselheiro principalmente a integração de conhecimentos da teologia bíblica com a psicologia¹⁵, naquilo em que são compatíveis, para estabelecer uma relação que integre cuidado pastoral, partilha de conhecimentos, comunhão de fé e reflexão de vida de forma holística; na mesma proporção em que a vida pós-moderna solicita rapidez, pluralidade, informação e escolha de opções. O desafio é, portanto, tão intenso quanto é a própria pós-modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o jovem e atendê-lo adequadamente no aconselhamento cristão implica em reconhecer no indivíduo a pluralidade de sua geração e conhecer a singularidade de sua história de vida para melhor colaborar com a promoção de sua autonomia. No mundo contemporâneo isto significa saber quem são os “nativos digitais” (geração Z) e a geração Y, seus hábitos, costumes e formas de pensamento comum, que se desenvolvem principalmente em meio à cultura digital e a intensificação do consumismo, que na realidade brasileira acabou por incluir a religião, o cristianismo.

A família continua sendo o grupo de socialização mais importante no preparo para a vivência no mundo externo, as tensões de padrões intergeracionais de *emaranhamento*, *rompimento* e *triângulo* existentes em maior

ou menor grau podem vir a dificultar a vivência do jovem fora do lar. A fase de vida em questão apresenta por si só inúmeros desafios de *competência, independência, intimidade e direção* que implicam na aquisição de habilidades que permitam desenvolver a vida adulta adequadamente.

Assim, o conselheiro cristão precisa desenvolver um processo que capte a ótica da singularidade da história pessoal apresentada perpassada pela pluralidade social e geracional, para reavaliar e redirecionar a vida do jovem proporcionando o máximo possível de desenvolvimento mais saudável, integral e integrado, das próximas etapas de vida e melhoria do momento vigente. Por isso, são fundamentais alguns procedimentos básicos – não únicos nem suficientes - como compreender o ser humano enquanto um complexo *bio-psico-socioespíritual*, saber estimular o pensamento analítico-crítico, orientar a busca do autoconhecimento para a jornada de santificação, colaborar com a organização da rotina diária.

Tais procedimentos vão permitir que o conselheiro identifique a distorção de alguns conceitos fundantes do cristianismo que atualmente estão aparecendo com certa frequência na expressão de pensamento e vida dos jovens e cujo esclarecimento e orientação devidos permitirão a vivência mais legítima da fé cristã.

O conselheiro cristão seja um líder ministerial, um pastor, um terapeuta ou alguém cujo ministério seja o próprio aconselhamento em si, necessita capacitar-se permanentemente em conhecimentos tanto da teologia bíblica como da psicologia. É importante também desejar desenvolver um relacionamento de busca existencial e transcendental com os jovens, procurando compreendê-lo em sua geração e em sua história individual, mas, sobretudo em sua identidade uma vez integradora da singularidade com a pluralidade.

O que se apresentou até aqui permitirá ao conselheiro cristão tratar as várias questões emergentes no contexto de vida do jovem brasileiro, que ainda terão particularidades manifestas nas relações de gênero, de trabalho, de sexualidade, de cidadania, dentre outras, que requerem reflexões, análises específicas, para além deste espaço acadêmico de comunicação. Mas, cujos procedimentos básicos compartilhados permitirão lidar, uma vez combatendo o alicerce do contexto contemporâneo em suas tendências individualistas, imediatistas, consumistas, hedonistas e oportunistas, que envolvem cada vez mais os jovens através da cultura digital; o que, portanto, é inevitável e urgente, para o próprio jovem e para o conselheiro cristão terem de aprender a lidar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDT, Hanna. A Condição Humana. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. 352 p.
- BALIAN, Olga C. A. O desafio na gestão da geração Y. RHnews, Rio de Janeiro, ano 14, n. 160, p. 6, jun. 2009. Disponível em: < http://www.abrhrj.org.br/typo/fileadmin/user_upload/RHNEWS/rh_news_160_junho.pdf >. Acesso em: 03 abr. 2015.
- CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995. p. 170-183.
- CRITELLI, Dulce. História pessoal e sentido da vida: historiobiografia. 1ª reimpr. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2013. 104 p.
- COLLINS, Gary R. Aconselhamento cristão: edição século 21. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 213-230.
- ERIKSON, Erik. H. Identidade, juventude e crise. 2 ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. 322 p.
- FORQUIN, Jean-Claude. Relações entre gerações e processos educativos: transmissão e transformações. Tradução de Jean-Yves de Neufville. In: Congresso Internacional Co-Educação de Gerações, 1, 2003, São Paulo. [Trabalhos apresentados]. São Paulo: [s.n.], 2003. Disponível em: ? <http://pt.scribd.com/doc/103191783/FORQUIN-Relacoes-entre-geracoes-e-processos-educativos-transmissoes-e-transformacoes#scribd> ?. Acesso em: 03 abr. 2015.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013. 158p.
- HEIDEGGER, Martin. A Caminho da Linguagem. Tradução de Márcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança, SP: Universitária São Francisco, 2011. 229 p.
- HURDING, Roger F. A árvore da cura: fundamentos psicológicos e bíblicos para aconselhamento cristão e cuidado pastoral. São Paulo: Vida Nova, 1995. P.106-112.
- IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: ?<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/impressa/ppts/0000009352506122012255229285110.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2015
- IBOPE-Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística. Ibope Mídia. Geração Y e Z: juventude digital. São Paulo, 2013. Disponível em: ?http://www4.ibope.com.br/download/geracoes%20_y_e_z_divulgacao.pdf?. Acesso em: 03 abr. 2015.
- IKEDA, Ana Akemi; CAMPOMAR, Marcos Cortez; PEREIRA, Beatriz de Castro Sebastião. O uso de coortes em segmentação de marketing. Organizações e Sociedade. Salvador, 2008, v.15, n.44, p. 25-43, jan/mar 2008. Disponível em: ?<http://www.scielo.br/pdf/osoc/v15n44/02.pdf?>. Acesso em: 03 abr. 2015.
- KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs). Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.
- LOIOLA, Rita. Geração Y. Galileu, [Rio de Janeiro], Editora Globo, n. 219, out. 2009. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html>>. Acesso em: 06 abr. 2015.
- OLIVEIRA, Sidinei R. de; PICCININI, Valmíria C.; BITENCOURT, Betina M. Juventudes, gerações e trabalho: é possível falar em geração Y no Brasil? Organização & Sociedade, Salvador, 2012, v.19, n. 62, p. 551-558, jul.-set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/osoc/>

v19n62/10.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2015.

PRESKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. On The Horizont. [S.l.], 2001, v.9, n.5, p.1-6, out 2001. Disponível em: ?<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>? Acesso em: 03 de abril de 2015

QUAINO, Lilian. Geração Canguru é fenômeno mundial, diz presidente do IBGE. G1, Rio de Janeiro, 29 nov. 2013. Disponível em: ?<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/11/geracao-canguru-e-fenomeno-mundial-diz-presidente-do-ibge.html?> Acesso em: 12 abr. 2015.

STRECK, Valburga Schmiedt; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 65-71.

TAPSCOTT, Don. Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da Geração Net. Tradução Ruth Gabriela Bahr. São Paulo: MAKRON Books, 1999. 321 p

VALENTE, Maria P. R. C. Geração Y e individualismo: percepções e adaptabilidade do consumidor frente às mudanças sociais. 208 f. 2011. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: < http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18194/18194_1.PDF>. Acesso em: 03 abr. 2015.